

As memórias de luta e resistência pela demarcação territorial no Quilombo de Furadinho

Renné da Glória Andrade
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: renne9152@gmail.com

Ana Elizabeth Santos Alves
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: ana_alves183@hotmail.com

Marisa Oliveira Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: momarisa@gmail.com

1797

Palavras-chaves: Território. Luta. Resistência

INTRODUÇÃO

Esta comunicação apresenta um recorte do estudo desenvolvido na comunidade quilombola de Furadinho, município de Vitória da Conquista-BA. A comunidade está situada a 554 km de Salvador, capital baiana, a 36 km de Vitória da Conquista. O objetivo desta comunicação consiste em descrever como as resistências provenientes do sentimento de pertencimento ao território se articulam no quilombo de Furadinho na busca pelo reconhecimento territorial. As memórias dos quilombolas carregam um sentimento de pertencimento, determinado pela ancestralidade e pelo vivido como espaço de luta e resistência. Uma das manifestações do sentimento de pertencimento ao território se expressa na busca pela demarcação territorial.

As relações sociais estabelecidas em um determinado espaço territorial ao longo da história fazem com que laços afetivos sejam criados nos lugares repositórios de memórias, construindo assim o sentimento de pertencimento ao lugar. O espaço territorial ajuda na manutenção da memória do grupo. É nele que são estabelecidas as relações econômicas, culturais, sociais e afetivas. (Halbwachs, 2006).

Realização:



Apoio:



Mulheres e Homens do quilombo de Furadinho vivem em estreita relação com o território, retiram sua subsistência de forma sustentável e estão lutando pela garantia de seus direitos assegurados constitucionalmente. Rememorar a trajetória histórica de ocupação, as lutas pelo auto reconhecimento e pela demarcação territorial são fundamentais para que esses povos se vejam como cidadãos de direitos.

METODOLOGIA

A metodologia empregada no estudo teve como base o Materialismo Histórico Dialético. A pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevistas semiestruturadas com famílias da comunidade, rodas de conversa, observação participante em eventos, fotografias e documentos fornecidos pela comunidade embasam essa pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conceito de território que trazemos como central na nossa pesquisa é apresentado por Valdir Roque Dallabrida (2006, p. 161) que define território como:

[...] uma fração do espaço historicamente construída através das inter-relações dos atores sociais, econômicos e institucionais que atuam neste âmbito espacial, apropriada a partir de relações de poder sustentadas em motivações políticas, sociais, ambientais, econômicas, culturais ou religiosas, emanadas do Estado, de grupos sociais ou corporativos, instituições ou indivíduos.

Nesse contexto, território é compreendido como espaço delimitado e controlado, pelo qual se exerce determinado poder, muitas vezes visto como poder político do Estado, mas outras formas de poder coexistem; é produto cultural pela apropriação do imaginário e/ou valorização simbólica de um grupo sobre o espaço; é econômico sendo produto de embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho. O território é o lugar da ancestralidade, do nascimento, do vivido em que as memórias carregam um sentimento de pertencimento.

Realização:



Apoio:



O processo de expropriação do território foi alvo de muitos conflitos entre fazendeiros e moradores do quilombo, conforme relato de morador no DQF-Bahia (2013, p.5). *“Aí chegou o pessoal branco... aí foi tomando tudo né... não tinha documento... os morador nós ficou tudo sem terra só com uma cercazinha ali... e foi tomando tudo, terra tudo sem documento. Teve muitas brigas, mais quem tinha dinheiro vencia...”*.

Esse relato demonstra as dificuldades vivenciadas pelo quilombo de Furadinho, com a expropriação de suas terras. Nesse sentido, o processo de expropriação iniciou pela falta de documento, possibilitado pela Lei de Terras; pela facilidade dos fazendeiros forjarem documentos; pela venda indiscriminada das terras à terceiros que chegavam com os documentos.

Os moradores de Furadinho não escolarizados ou pouco escolarizados, sem recursos financeiros, desconhecendo as leis e sem uma orientação precisa, se viram em desvantagem em relação aos fazendeiros da vizinhança que tinham conhecimentos e alianças. Assim, foram expropriados de suas terras. Conforme foi reafirmado no relato de Seu José, (2021, 94 anos) morador do quilombo, não escolarizado, um dos nossos entrevistados. *“As terras estão pouco, como dizer, o homem tomou as terras tudo, depois foi comprando de pedacinho em pedacinho, agora os povos só têm um quintalzinho”*.

Percebemos também que o deslocamento das pessoas da comunidade em busca de outras oportunidades de trabalho na cidade, ou em outros estados está relacionado com a expropriação de terras. Os lotes pequenos não permitem a sobrevivência de todos os familiares. Conforme evidencia Martins (2000, p. 670). *“Quem reivindica o reconhecimento jurídico da propriedade privada não raro o faz com base na violação do privado e dos direitos sobre a terra de quem nela trabalha e, muitas vezes, trabalhou por várias gerações... O legal e o legítimo se confrontam e se opõem”*. Os conflitos territoriais se dão em virtude da grilagem de terras, pela violência em nome do privado e dos direitos formais gerados pela propriedade privada da terra. Pelo total desrespeito ao costume. Pelo direito moral baseado na precedência do trabalho e pelo direito estabelecido na concepção de que a terra é um bem comum, no qual se tem acesso por meio do trabalho. Os direitos econômicos de renda fundiária sobrepõem-se aos direitos de quem vive, mora e tira o sustento da terra. (Martins, 2000; Fernandes 1999).

Realização:



Apoio:



Na pesquisa desenvolvida por Marisa Santos (2021) em duas comunidades de rurais Peri Peri e Campinhos, embora não sejam comunidades quilombolas, é perceptível a interpenetração do capital, contudo essa interpenetração ocorre de modo distinto. Na primeira, por meio da infiltração da indústria da fécula, enquanto que, na segunda a interpenetração do capital ocorre pela especulação imobiliária, industrial e comercial, o que altera completamente o modo de vida e de produção de homens e mulheres que viviam basicamente da produção nas casas de farinha. O avanço do modo de produção capitalista em áreas denominadas anteriormente como rurais demarca “novas concepções de uso do território, enfraquecendo sumariamente o trabalho familiar, pois na trincheira dos embates inevitáveis, não conseguem impedir o avanço do capital” (Santos, 2021, p. 219).

1800

CONCLUSÕES

Pelo que podemos observar os territórios quilombolas de Vitória da Conquista passam a ser um lugar de disputa de interesses contraditórios. Por um lado, o território é lugar de memória da ancestralidade, de moradia, de existência da família e de reprodução material e cultural do grupo. E por outro, os interesses capitalistas dos fazendeiros que desrespeitam e menosprezam os trabalhadores e trabalhadoras que vivem, trabalham e tiram o sustento do próprio território.

Os avanços tecnológicos no campo não chegam para o pequeno produtor da agricultura camponesa familiar. Este, está sempre a margem de tais mudanças. Novas tecnologias, novos produtos agrícolas para potencializar a produção, novas ferramentas, tecnologias, sementes modificadas para melhor adaptação ao clima fazem parte do cotidiano dos grandes proprietários. Enquanto, a agricultura camponesa familiar vivencia sutis alterações nas formas de manejo e cultivo agrícola.

Furadinho tenta resistir mantendo a produção camponesa familiar. Contudo, esta não tem sido suficiente para manter todos os familiares. As memórias permanecem, mesmo para os que migraram da localidade, porque carregam consigo o sentimento de pertencimento ao território.

A análise que realizamos acerca de pesquisas em comunidades tradicionais de Vitória da Conquista nos levam a perceber que, os problemas relacionados a

Realização:



Apoio:



demarcação territorial perpassam muitos territórios quilombolas. O que demonstra total descaso do poder público em não viabilizar as demarcações, atuando em favor dos proprietários de terras no sentido de dificultar a vida dos quilombolas. Esse projeto atua de diversos modos seja na morosidade da demarcação territorial, na exploração imobiliária por meio dos loteamentos, na interpenetração da indústria e comércio, nas dificuldades de acesso à educação com o fechamento de escolas quilombolas.

A luta para conquistar o direito ao território de quem nele vive, cultiva, tira o próprio sustento em uma perfeita interação homem/natureza é histórica. Os processos de demarcação dos territórios quilombolas arrastam ano após ano na justiça e a morosidade do sistema é conveniente às elites dominantes. Enquanto isso, homens e mulheres do quilombo de Furadinho continuam na luta e resistência para validar direitos, garantir a produção da existência no seu território de pertencimento.

1801

REFERÊNCIAS

BAHIA. Secretaria de Desenvolvimento; Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional. **Diagnóstico do Quilombo Furadinho - DQF**. Projeto de inclusão das comunidades remanescentes de quilombos. Salvador: Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional, 2013.

DALLABRIDA, Valdir Roque. Território. In: SIEDENBERG, D. R. **Dicionário do Desenvolvimento Regional**. Santa Cruz do Sul (RS): Edunisc, p. 161-162, 2006.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brasil: 500 anos de luta pela terra**. Revista da ABRA: Reforma Agrária. nº 1, 1999. Disponível em:
<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemerolt&pagfis=12895>.
Acessado em 20/04/2023.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro editora, 2006.

MARTINS, José de Souza. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: **História da vida privada no Brasil: contraste da intimidade contemporânea**. S. Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SANTOS, Marisa Oliveira. **Memórias do trabalho familiar em casas de farinha: transformação dos modos de vida de homens e mulheres do campo**. Orientadora: Ana Elizabeth Santos Alves. 2021. 242f. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista-Bahia, 2021.

Realização:



Apoio:

